

DOCÊNCIA: UMA TRADIÇÃO FAMILIAR

Eliana Gasparini Xerri
epxerri@netprata.com

Maria Helena Câmara Bastos
mhbastos@puccs.br

Resumo

Os estudos prosopográficos são recorrentes na análise de grupos familiares de diferentes setores, tais como política, economia e medicina, mas não são comuns na docência, objeto de investigação deste trabalho, um estudo de caso da docência na família Guadagnin. Dos 17 filhos de Luiz e Elisa Guadagnin, 11 optaram pela docência, sendo seguidos por 26 netos e alguns bisnetos. É sobre este corpus que se buscou fazer um levantamento das características básicas comuns ao grupo. Fotos, registros escolares, relatos orais de seus descendentes foram os recursos utilizados. As conclusões revelam que a história de vida profissional deste grupo familiar funde-se com a própria história da educação, mais especificamente a da cultura de imigração italiana, revelando as práticas escolares comuns de determinadas épocas. Afora isso, o prestígio social atrelado à profissão também aparece como um dos resultados da escolha da profissão pelos descendentes de Luiz Guadagnin.

Palavras-chave: prosopografia; educação; docentes.

Abstract

The present text systemize the results of a developed prosopographic study next to discipline Practical of Research – Researching the Pertaining to School Culture, under the orientation of the teacher doctor Maria Helena Câmara Bastos, Doctorate, of the College of Education of the PUCRS. The prosopographic studies are recurrent in the familiar cluster analysis of different sectors, such as politics, economy and medicine, but they are not common in the teaching, object of inquiry of this work. Thus, using a methodology where if mixture, as presents Sandra Maria do Amaral (2005), the brief biography with the prosopography, became fullfilled a study of case of the teaching in the Guadagnin family. Of seventeen children of Luiz and Elisa Guadagnin, nine had opted to the teaching, being followed by 28 grandsons. It is on this corpus that if it searched to make a survey of the common basic characteristics of this group. Pertaining to school photos, registers, verbal stories of its descendants had been the resources used for the related study. The conclusions of this study finish for disclosing more specifically that the history of professional life of this familiar group is established with the proper history of the education, of the culture of Italian immigration, disclosing the practical common pertaining to school of determined times. It measures this, social prestige associated the profession also appears as one of the results of the choice of the profession for the descendants of Luiz Guadagnin.

Key words: prosopography; education; teachers.

A profissão docente na família Guadagnin e a relação com a experiência de vida de um educador primário por mais de 36 anos é o tema deste artigo. Neste sentido, na busca de compreender melhor a presença da profissão de professor na família, fiz uso de escritos pessoais do professor Luiz Guadagnin, que foi docente no interior da serra gaúcha desde o início do século XX e que legou esta profissão a seus descendentes. Outros registros foram utilizados para compor o estudo, tais como registros de escola, fotografias, apoio bibliográfico e relatos orais de seus descendentes. O método empregado é um amálgama entre uma breve biografia e uma prosopografia, que, como explica Sandra Maria do Amaral (2005, p. 16), é “um levantamento das características básicas comuns de um grupo de indivíduos por meio do estudo coletivo de suas vidas.”

Colabora com o entendimento sobre o método da prosopografia, os escritos de Tânia Maria Tavares B. da Cruz (2002), quando salienta que por algum tempo este foi considerado de segunda importância, mas que, recentemente, um novo olhar tem despertado a atenção e o seu uso, que define

Basicamente o método prosopográfico define um universo de pessoas a ser estudado e propõe um conjunto de questões sobre seu perfil e atuação, que incluem dados sobre nascimento e morte dos indivíduos, laços de casamento e parentesco, origens sociais e posição econômica herdada, local de residência, educação, montante das fortunas pessoais ou familiares, ocupação, religião, trajetória política, experiência profissional.

Lawrence Stone, em um artigo divulgado pela revista *Daedalus* (1971), qualifica o método como “a investigação das características básicas comuns a um grupo de indivíduos na história, por meio do estudo coletivo de suas vidas” (apud Cruz, 2002).

Para Heinz (2006), “a prosopografia busca revelar as características comuns (permanentes ou transitórias) de um determinado grupo social em dado período histórico”. Corrobora também para o entendimento dos estudos prosopográficos Charle (2006, p. 41) ao explicar que

Seu princípio é simples: definir uma população a partir de um ou vários critérios e estabelecer, a partir dela, um questionário biográfico cujos diferentes critérios e variáveis servirão à descrição de sua dinâmica social, privada, pública, ou mesmo cultural, ideológica ou política, segundo a população e o questionário em análise.

Os estudos prosopográficos, normalmente, voltam-se a grupos privilegiados da sociedade. É razoavelmente comum encontrarmos estudos desta natureza relacionados à participação política de determinada família, ou mesmo sobre a importância econômica do grupo familiar num contexto histórico. No entanto, é incomum estudos prosopográficos a respeito de um grupo familiar que optou pela educação. Trabalhos sobre grupos menos privilegiados apenas recentemente têm sido elaborados, como Charle (2006) aponta

(...) fora das elites, outros grupos sociais que começam a ver sua história social renovar-se a partir de seu interior graças a biografias coletivas: classes médias, e, cada vez mais, as classes populares através de suas elites militantes, mas igualmente de histórias de vida de suas testemunhas privilegiadas – estão longe de ser completamente conhecidos.

Além da questão prosopográfica, as ideias referentes ao docente e à docência são pertinentes neste trabalho. Estas devem considerar características próprias dos contextos históricos que a envolveram e envolvem. Desta forma, Nóvoa (1988, p. 75-76) afirma

Assim, a história da profissão docente é indissociável do lugar que seus membros ocupam nas relações de produção e do papel que desempenham na manutenção da ordem social. Os professores não vão somente responder a uma necessidade social de educação, mas também criá-la. A grande operação histórica da escolarização jamais teria sido possível sem a conjugação de vários fatores de ordem econômica e social, mas é preciso não esquecer que os agentes desse empreendimento foram os professores.

Portanto, considerando os contextos da docência, as características e as ideias sobre prosopografia, o trabalho se dedica à observação da família do Professor Luiz Guadagnin e seus descendentes professores, sejam os que se prepararam por meio da educação formal para a profissão, sejam os educadores voluntários, isto é, aqueles que auxiliavam o pai na profissão, ministrando aulas, corrigindo tarefas, catequizando. Para tanto, é necessário contextualizar brevemente o grupo, pois, como afirma Dominique Julia (2001, p. 10)

... Mas, para além dos limites da escola, podem-se buscar identificar, em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir, largamente difundidos no interior de nossas sociedades. Modos que não concebem a aquisição de conhecimento e de habilidades, senão por intermédio de processos formais de escolarização...”

Trinta e seis anos dedicados à alfabetização de crianças e adultos, profissão iniciada em 1918, quando as adversidades para a formação educacional eram acentuadas. Escrever sobre o professor Luiz Guadagnin, ou Luigi, como era chamado pelos familiares, representa um gesto de afeto e de coragem.

Luiz nasceu em 26 de fevereiro de 1894 e faleceu em 21 de janeiro de 1970. Era o mais velho dos 17 filhos do casal de imigrantes Giacomo e Cecília Morello Guadagnin. Seu pai veio para o Brasil com 18 anos, fugindo do recrutamento do serviço militar italiano. Giacomo era alfabetizado e, ao se fixar no interior de Alfredo Chaves, atual Veranópolis, tornou-se agricultor e auxiliava os vizinhos ensinando-os a ler e escrever, e escrevia em nome destes aos parentes residentes na Itália.

Liane Beatriz Moretto Ribeiro, ao analisar as escolas italianas em zona rural do Rio Grande do Sul, escreve que “os professores, imigrantes italianos, não tinham senão o domínio da língua trazida da Itália. Ensinavam na fala dialetal da região de origem” (2004, p. 149). É neste cenário que Giacomo, agricultor-professor se inseria, prestando significativo, mas incipiente, trabalho na ação de educar. No entanto, demonstrou atenção e importância ao ensino, incentivando os filhos a estudarem, embora não tivesse a mesma preocupação com as filhas, pois, de acordo com os aspectos culturais da época, estas deveriam somente saber ler e escrever, o fundamental para suas vidas, e se prepararem para o matrimônio. Se desejassem seguir nos estudos, deveriam dedicar-se à vida religiosa. Sobre a atenção dedicada aos estudos, Firléia Guadagnin Radin (1998, p. 83) registrou

A seus filhos homens, ele tratou de oferecer o estudo. Seu filho mais velho, Luigi Giovanni, estudou em uma das 17 escolas municipais que havia então, espalhadas pelo interior, podendo-se dizer que eram todas católicas, pois os professores e alunos assim o eram, e contavam com o apoio da Igreja em sua manutenção.

O primeiro contato que o professor Luiz teve com a educação, digamos formal, foi em uma escola particular italiana na pequena comunidade rural onde residia. Estudou até o quinto ano, e tendo concluído os estudos ali oferecidos, passou a frequentar a escola em Cotiporã, onde foi convidado pelo professor Jacinto Silva para ser professor. Prestou exames e passou a dedicar-se à tarefa de educar.

Encontramos indícios de como eram estas escolas. A primeira associou-se à Escola Particular Italiana que, conforme Ribeiro (2004, p. 149), é fruto da ausência de um sistema escolar público

A falta de um sistema escolar público, capaz de prover as áreas rurais que estavam sendo colonizadas, obrigou os colonos a tomar outras iniciativas na criação de escolas. Em muitas localidades da RCI, a escolarização inicia-se com escolas particulares isoladas, sob a regência de um colono mais instruído ou que tivesse tido alguma experiência escolar na Itália. (...) O local de funcionamento das escolas italianas isoladas era, geralmente, a própria casa do professor.

A segunda experiência ocorreu em uma escola pública, que, segundo o relato de Ribeiro (2004, p. 152), é resultado de ações das comunidades

Várias foram as razões do interesse dos colonos pela escola pública: a primeira, que já analisamos, diz respeito ao esforço e à dificuldade que representava, para os colonos, manter a escola e, principalmente, pagar o professor; a segunda é que nem todas as localidades tinham um colono instruído e que se dispusesse a dar aulas. Neste caso, sem aula particular e sem escola pública, os colonos se viam privados de instrução para os filhos...

É mister caracterizar sua atuação docente. Tornou-se professor em 1918, ano de seu casamento, e quatro anos antes de Nova Prata, RS, se emancipar. Casado com Elisa Didoné, passou a residir na mesma casa onde funcionava a escola, ali permanecendo até o nascimento de sua segunda filha, quando o salário de professor estadual permitiu que comprasse as primeiras terras e construísse sua própria casa.



Professor Luiz Guadagnin

No início de sua carreira, lecionava em três comunidades do interior, dividindo o tempo da seguinte forma: de manhã lecionava na Capela do Gramado; das 12 às 15 horas trabalhava na Capela do São Belim; das 16 horas em diante, ensinava na Capela da Linha Garibaldi. Estas comunidades pertenciam ao primeiro distrito de Alfredo Chaves, que era Capoeiras, atual Nova Prata. Quando se tornou professor estadual, passou a ministrar aulas apenas na Capela do São Belim, e, ao perceber o considerável número de adultos analfabetos, começou a ensiná-los de forma voluntária, em sua casa, no período noturno. Aos sábados à tarde e quando precisava se dirigir à sede do município, se hospedava em um hotel e aproveitava para alfabetizar os funcionários, sendo remunerado com refeições e hospedagem.

As turmas de alunos do professor Guadagnin eram numerosas, mistas e multisseriadas. Os registros escolares dão conta de faixas etárias diversas numa mesma série e trazem também anotações sobre frequência, promoção para a série seguinte, condição de alfabetizado ou não e dados pessoais como filiação, sempre constando o nome do pai e se este era brasileiro ou estrangeiro.



Escola denominada Aula Dr. Félix Engel Filho, na Capela do Gramado
Ao centro está o intendente municipal, à sua direita o professor Luiz Guadagnin e ao
lado esquerdo um dos pais, cercados pelos alunos.

Os dados descritos no livro de chamada da aula estadual, regida pelo professor Luiz Guadagnin, na linha Borges de Medeiros, Capela do São Belim de Nova Prata, no ano de 1943, atesta que a distância da escola até a sede do município era de seis quilômetros, o prédio tinha 74,75 metros quadrados, 17 bancos, 65 alunos, patente sem mictório, possuía pátio para o recreio nas dimensões de 50 X 50 metros e não havia pavilhão para a prática de ginástica. Na terceira página do mesmo livro, encontram-se os dados estatísticos:

Matriculados

Com menos de 9 anos: 20

Com 9 a 11 anos: 27

Com mais de 11 anos: 18

Repetentes no fim do ano: 11 alunos**Nacionalidade dos pais no ano de 1943**

Brasileiros: 61, sendo 32 masculinos e 29 femininos

Estrangeiros: 2

Todos eram brancos e seguidores da Religião Católica Apostólica Romana.

O nível cultural dos pais apresentava

2 totalmente analfabetos

14 alfabetizados, sendo 7 pais e 7 mães

50 com instrução primária

Com uma família numerosa, composta por 17 filhos, e seguindo o exemplo de seu pai, alfabetizou a todos e dedicou especial interesse em permitir que os homens continuassem seus estudos. Aos que não o fizeram, comprou terras em municípios onde elas eram de custo menor. Às filhas mulheres, além dos ensinamentos de leitura, escrita e quatro operações matemáticas, ofereceu um singelo enxoval e a preparação para o casamento. Os filhos que se dedicaram aos estudos receberam as condições para fazê-lo, não recebendo outro benefício financeiro, uma vez que era significativamente oneroso mantê-los longe de casa.

Com origem no interior de um pequeno município da serra gaúcha e tendo como meio de subsistência a agricultura, a pecuária e o salário de professor, os descendentes de Luiz Guadagnin acabaram por dar prosseguimento a estas práticas.

Dos 17 filhos, alguns se dedicaram às atividades primárias, outros a profissões liberais, enquanto um número significativo optou pela profissão de educador. Mesmo entre os profissionais liberais e agricultores, quase todos, em determinadas fases de suas vidas, trabalharam como professores. Ou seja, a primeira filha, **Luiza**, não se casou e auxiliou na criação dos irmãos; **Genoveva** também não constituiu família, mas auxiliava o pai na profissão, corrigindo trabalhos, dando aula, quando o pai estava doente e sendo professora de catequese; **Longino**, além de advogado, foi professor, e de seus dez filhos cinco também são professores; **Ana** era auxiliar de seu pai, catequista, e de seus 12 filhos, três são professores; **Jacob** optou pela agricultura, teve cinco filhos e nenhum professor, mas uma neta é professora; **Francisco** também foi agricultor, mas três de seus sete filhos foram professores, bem como um neto; **Santo** deu aulas para os colegas na empresa onde trabalhou e cinco de seus seis filhos foram professores, além de dois netos; **Avelino** era agricultor, teve sete filhos, sendo uma filha professora; **Eugênio** foi agricultor, teve quatro filhos, dos quais nenhum optou pela docência, à exceção de uma neta; **Maria F. Terezinha** trabalhou como agricultora e auxiliava o pai a ensinar Matemática, teve quatro filhas, sendo uma professora; **Roque** foi agricultor e fundador de uma cooperativa, onde foi professor de seus colegas de

trabalho, teve cinco filhos e, destes, uma professora, além de uma neta; **Mário**, além de jornalista e advogado, era professor e, de suas duas filhas, uma é professora de piano; **Gema** foi professora de catequese e auxiliava o pai na tarefa de ensinar; **Lourdes** teve quatro filhos e nenhum optou pelo magistério; **Ignez**, enquanto solteira, auxiliava seu pai nas atividades de docência, foi agricultora e operária, teve duas filhas professoras; **Edmundo** foi professor e seus três filhos também; **Carlos** é veterinário e, no início de sua profissão, foi também professor, teve três filhos, sendo um professor (Anexo 1).



De pé da esquerda para a direita: Luiza, Eugênia, Ana, Longino, Jacob, Francisco, Santo. Sentados a partir da esquerda: Maria F, Gema, Lourdes, Ignes, Edmundo, Elisa (com Carlos no colo), Luiz, Mário, Roque, Eugênio e Avelino.

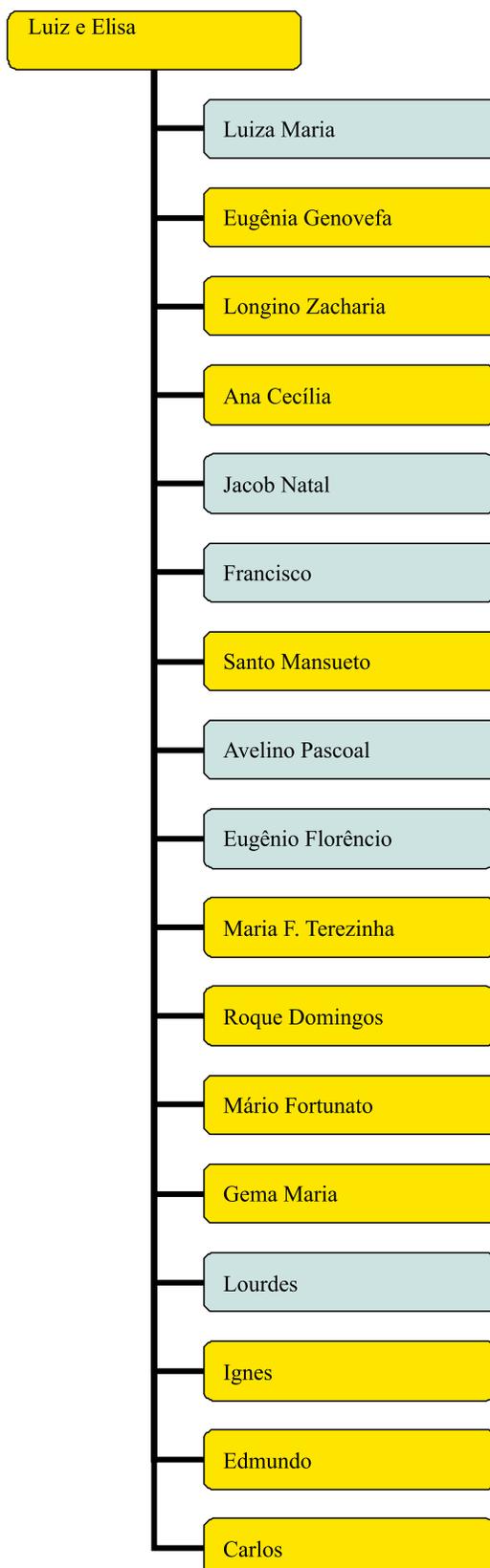
Finalizando, a profissão de professor na família de Luiz Guadagnin é passado e presente, acompanhou as práticas de rigidez no ensino com o uso de palmatória, silêncio absoluto em sala de aula, metodologias alicerçadas na ideia de que o professor é o transmissor e o aluno é o receptor. Caminhou através das mudanças legais e dos costumes de época e chega ao início do século XXI deixando traços de novas metodologias, novas práticas e, entre os descendentes, a percepção de que a atuação do pai e avô Luiz foi importante e, para muitos, influenciadora na opção profissional.

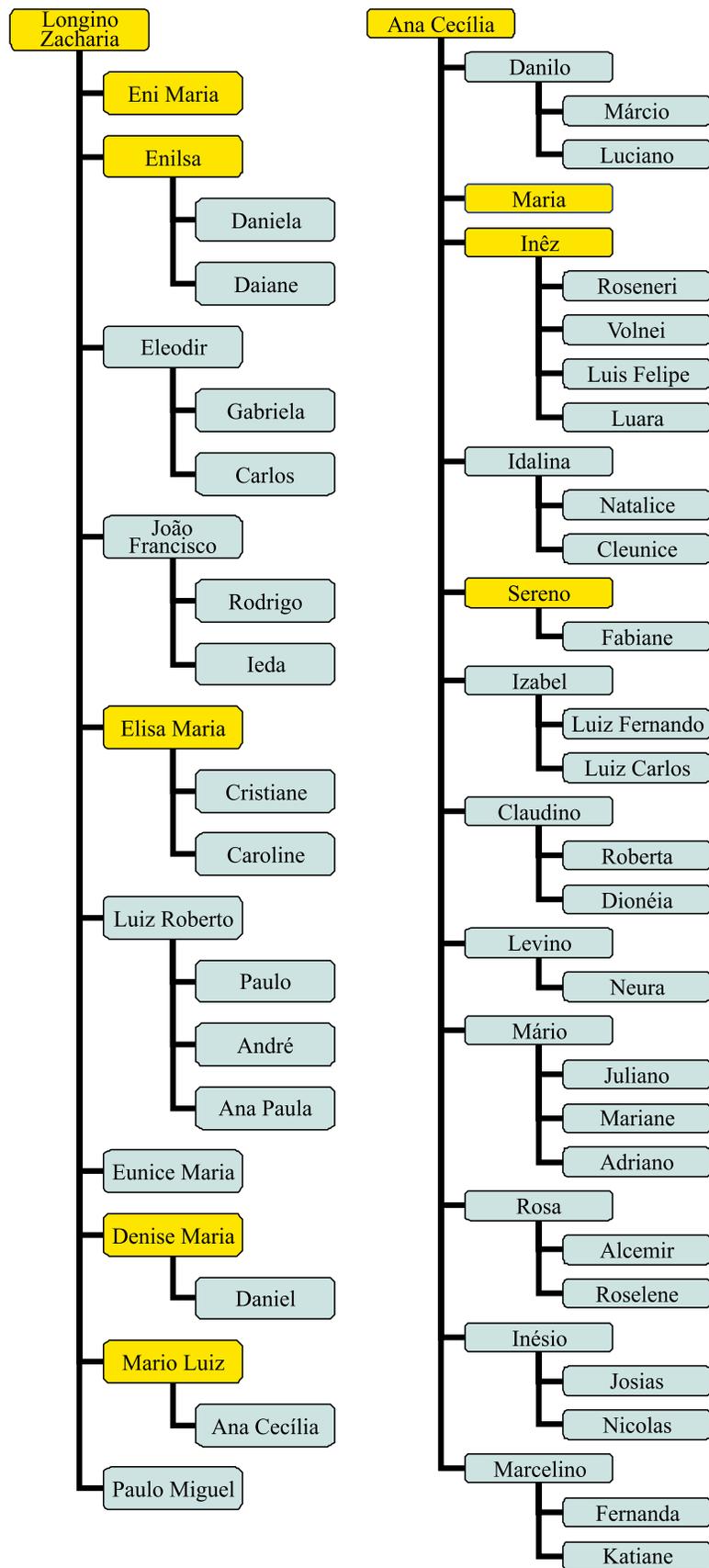
Nessa perspectiva, retomando a abordagem dada a este artigo “Docência: uma tradição familiar”, é possível pensar nos múltiplos e variados elementos que influenciam nossas escolhas profissionais, bem como nas esclarecedoras informações obtidas por meio da análise prosopográfica utilizada nesta pesquisa, que permite conhecer não apenas as trajetórias de vida aqui descritas, mas também o contexto histórico-social em que se desenvolveram. Que a enunciação destes sujeitos permita não apenas contextualizar e, de certa forma, narrar esta família, mas instigue ao aprofundamento de novos saberes, a respeito desta e de outras prosopografias de educadores.

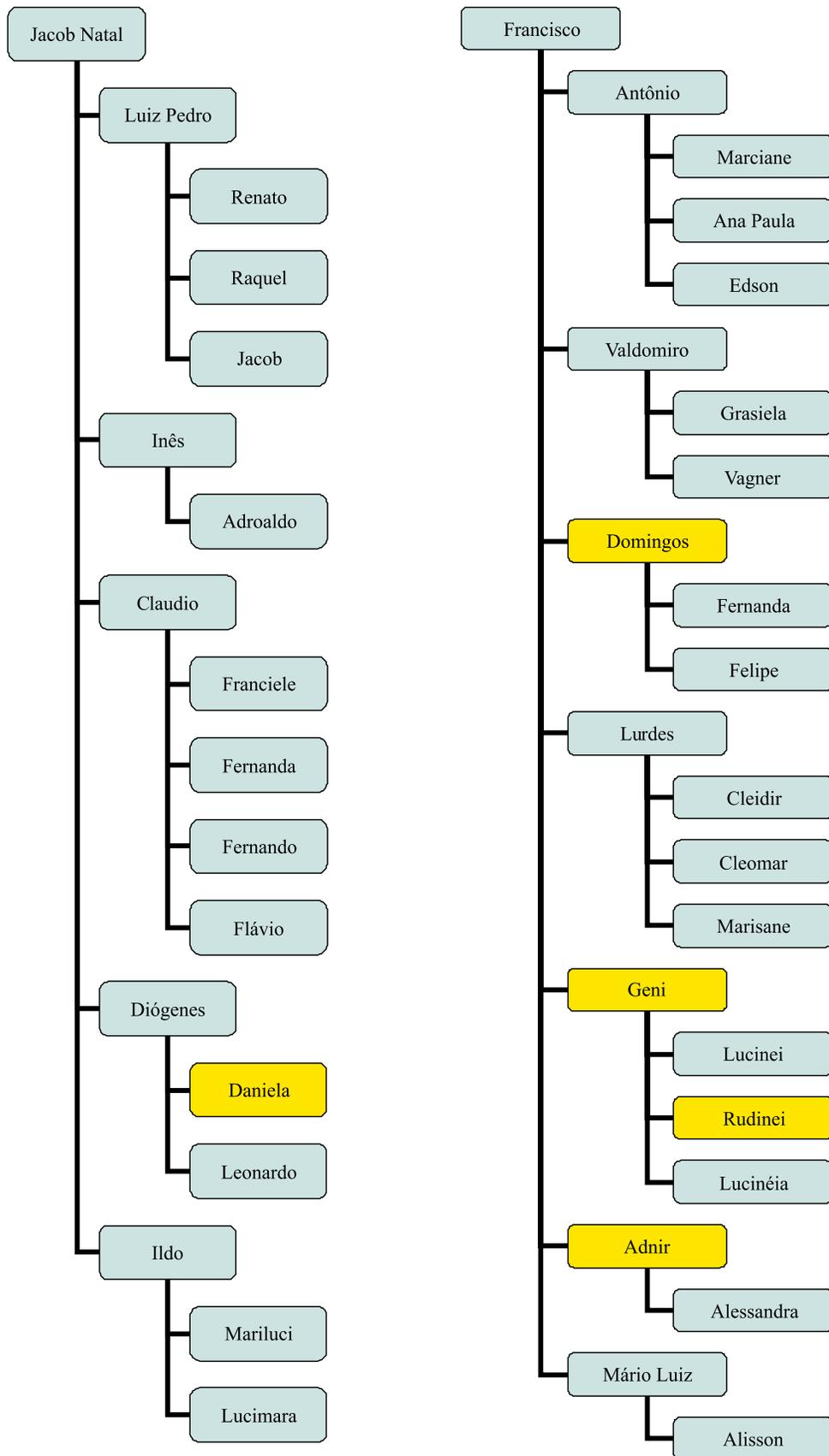
Referências

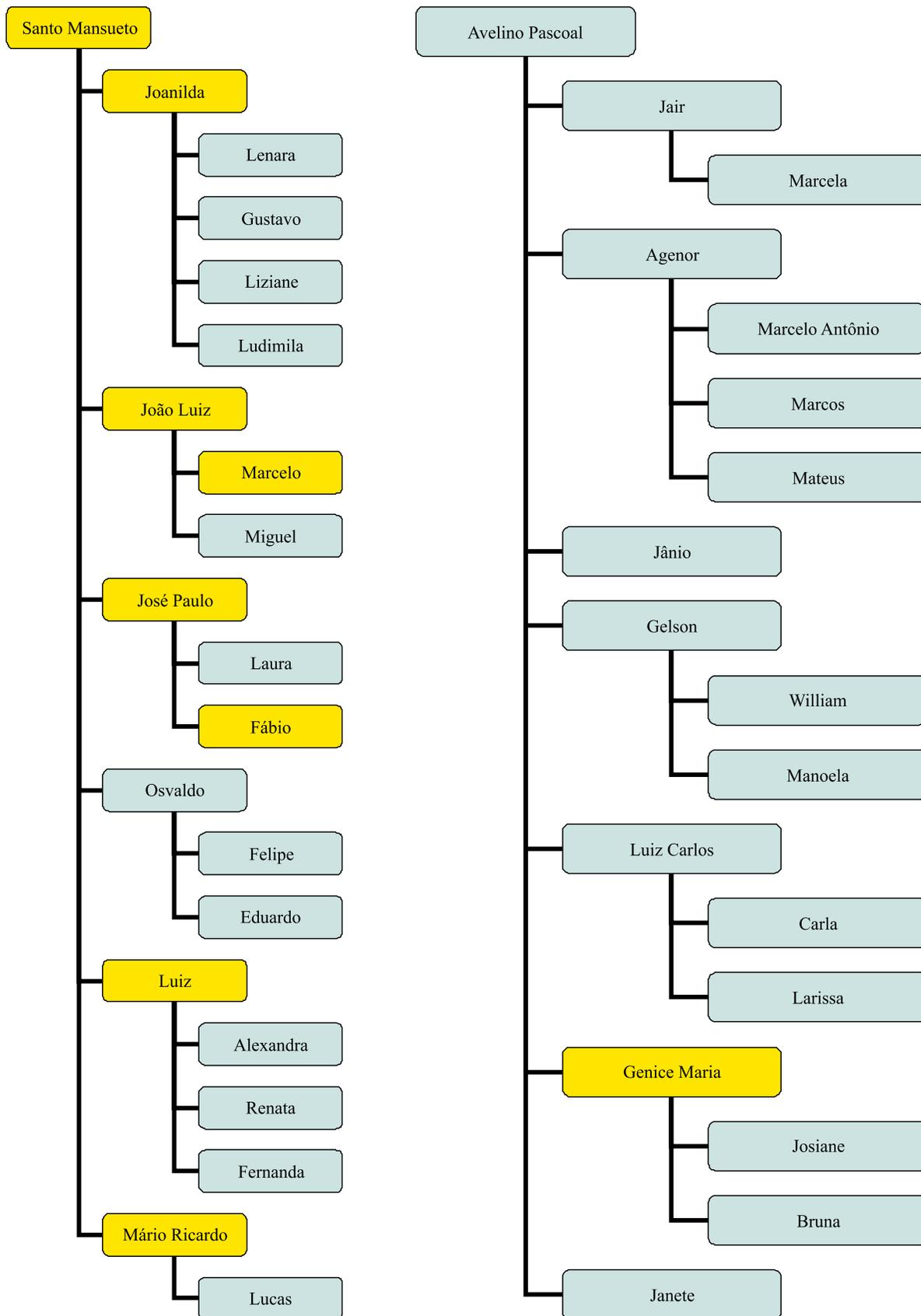
- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2004.
- _____. (Org.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EdiPUCRS; EDUNEB, 2006.
- ALMEIDA, Dóris B. A educação rural como processo civilizador. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena C. (Org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil: vol. III – Século XX*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- AMARAL, S. M. *O teatro do poder: as elites políticas do Rio Grande do Sul na vigência do Estado Novo*. 2006. Tese (Doutorado em História)–Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna et al. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artemd, 2006.
- FERREIRA, Tânia Maria T. B. da C. História e prosopografia. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 10., 2002, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPUH, 2002.
- GUAZZELLI, César Augusto Barcellos et al. (Org.). *Questões de teoria e metodologia da História*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.
- HEINZ, Flavio M. (Org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto Histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 1. Campinas: Editores Associados, 2001.
- LOPEZ, Eliane M. T.; FARIA, Luciano M. Filho; VEIGA, Cynthia G. (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- RADIN, Firléia Guadagnin. *História da família Guadagnin*. Nova Bassano: [s.n.], 1998.
- RIBEIRO, Liane Beatriz Moretto. Escolas italianas em zona rural do Rio Grande do Sul. In: RIBEIRO, Cleodes; POZENATTO, José Clemente (Org.). *Cultura, imigração e memória: recursos & horizontes*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2008.
- VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas: Papyrus, 2002.
- XERRI, Eliana Gasparini. *Nova Prata: uma incursão na história*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

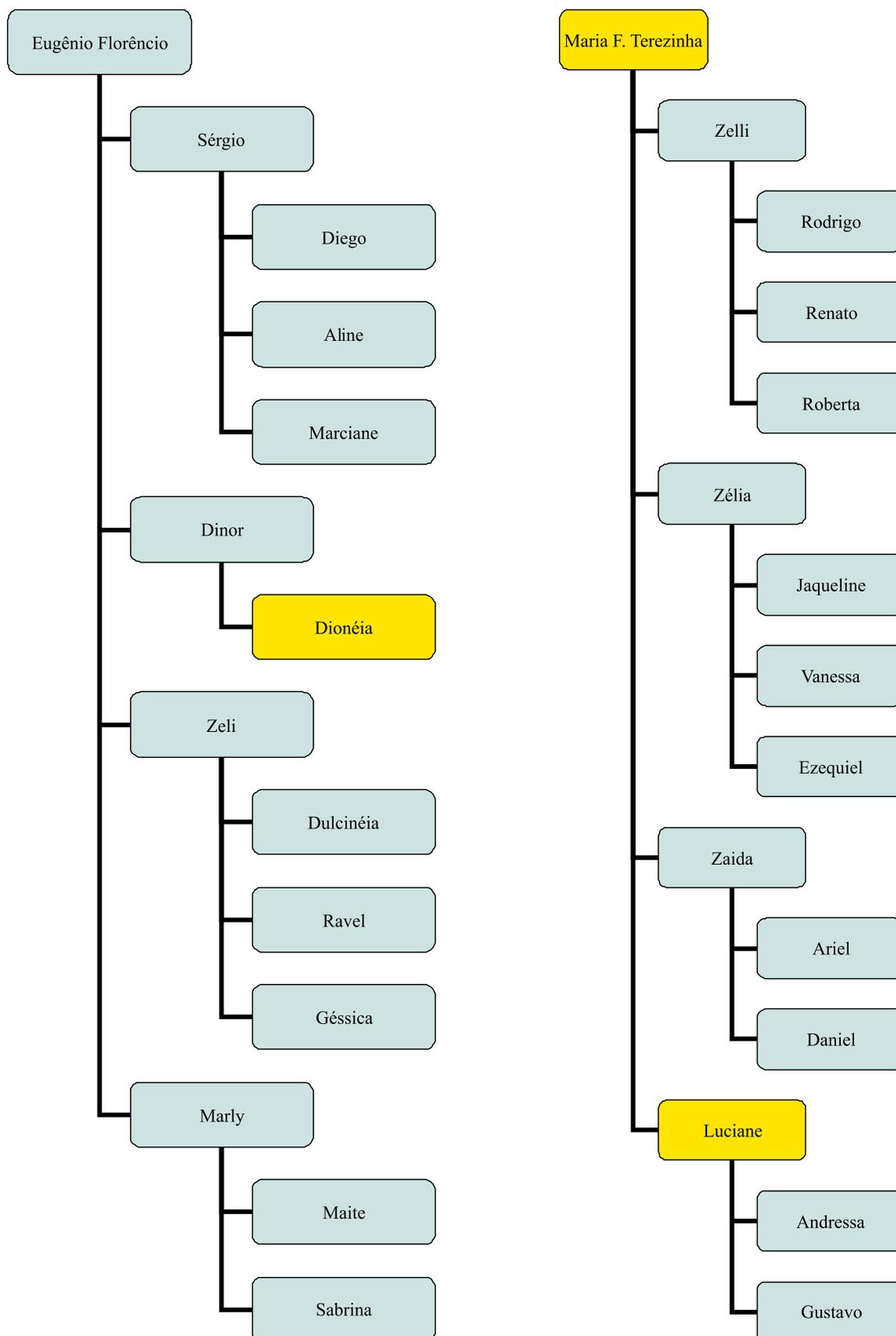
Anexos

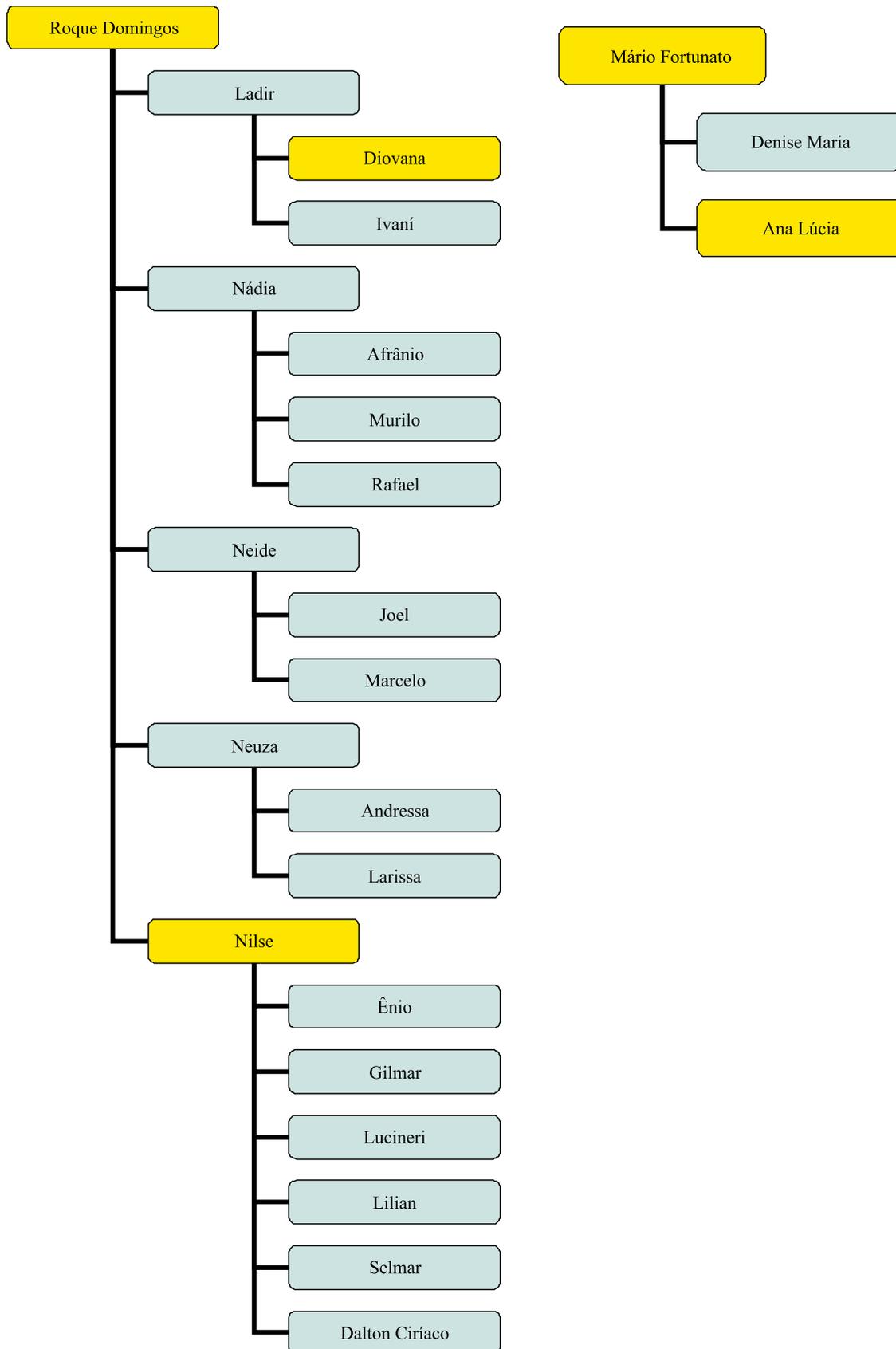


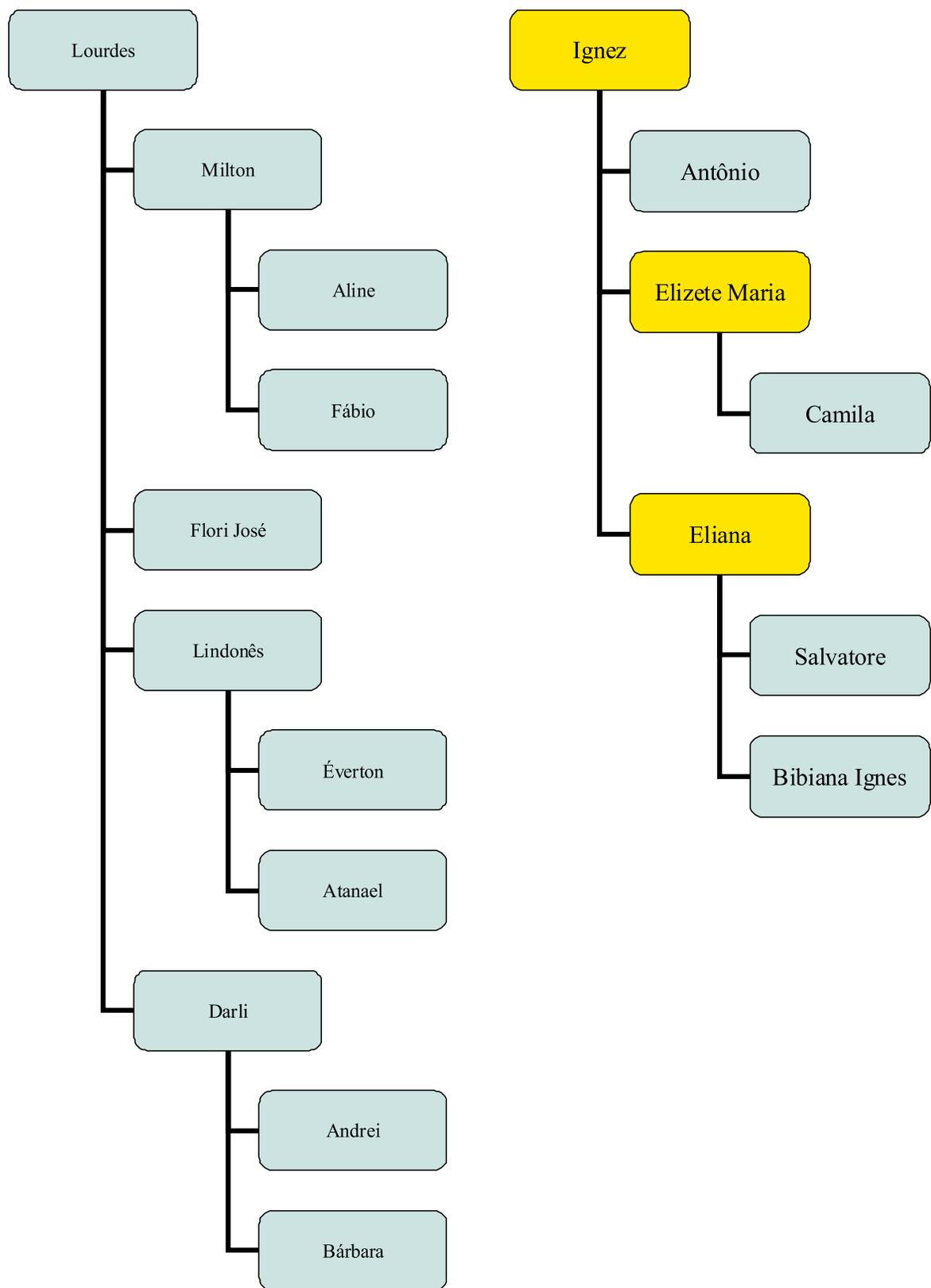


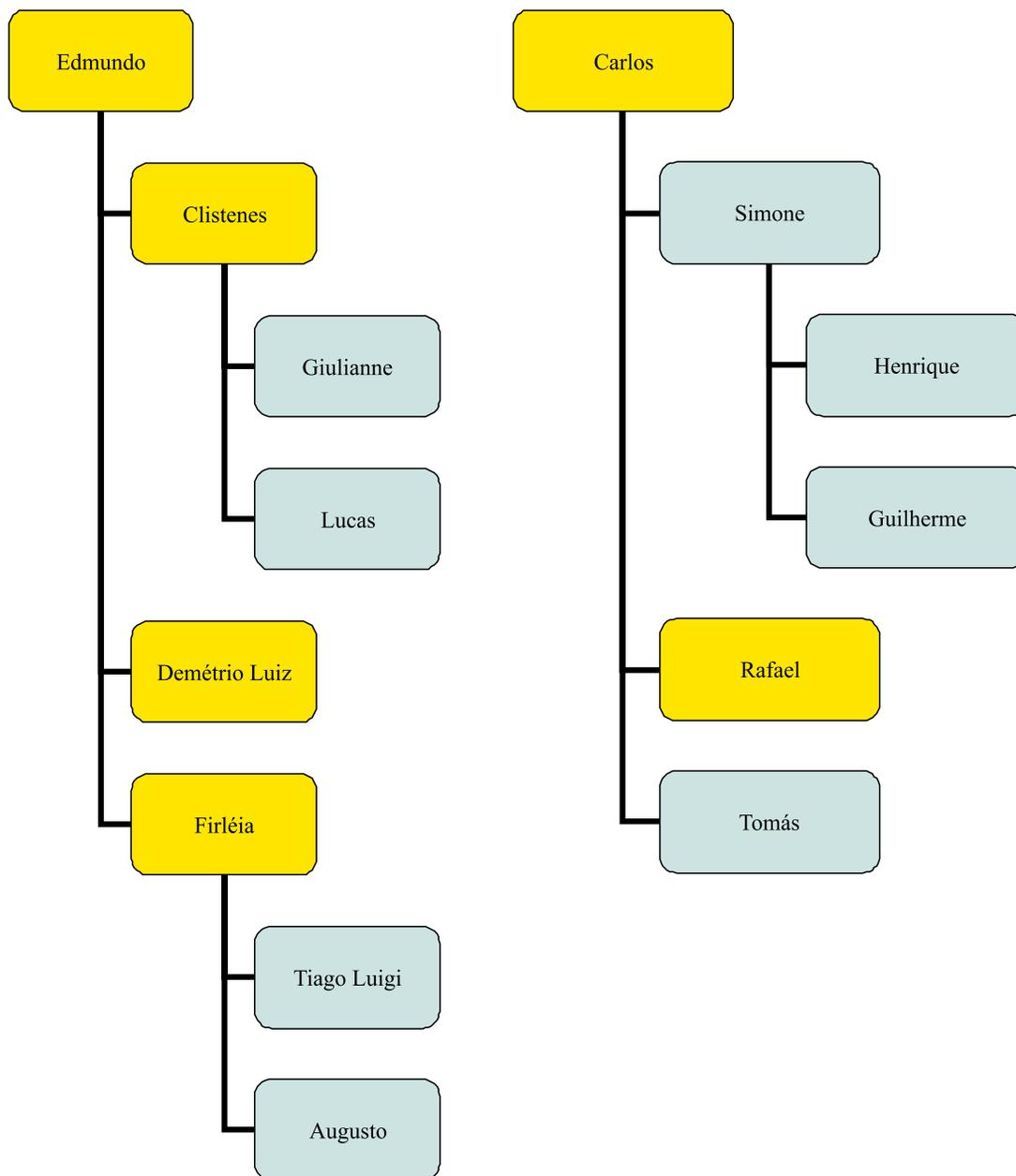












* Em amarelo estão os docentes.

Eliana Gasparini Xerri

Mestre em História do Brasil – PUCRS. Doutoranda em Educação – PUCRS.

Maria Helena Câmara Bastos

Pós-doutora em Educação. Professora de Pós-Graduação e Doutorado em Educação – PUCRS.

*Recebido em 25 de maio de 2009
Aprovado em 15 de junho de 2009*